

PAULO SILVEIRA



O + é deserto,

de Hélio Ferverza

As páginas de *O + é deserto* reúnem quatro ensaios sobre a presença da arte contemporânea no criador e no seu meio. O artigo “A função do amanhã” é, ao mesmo tempo, reflexivo e descritivo. Expõe os propósitos para uma participação na Bienal do Mercosul, evoluindo a partir daí para considerações mais amplas sobre o problema expositivo. “Conjunto vazio” e “Apresentações do deserto” descrevem alguns aspectos da produção plástica recente do autor. E “A produção do deserto” (o texto mais longo) faz uma reflexão sobre problemas do meio artístico, entendido como um ambiente palpável e problemático. Os artigos são precedidos, entremeados ou seguidos de rápidas seqüências gráficas, muito precisas na composição. A concepção visual coteja o estilo do artista (seu namoro com o conceitualismo), estando as páginas que pontuam os espaços entre os textos principais inseridas nos domínios da *page art*. Isso não deveria ser uma qualidade rara na produção acadêmica, mas ainda é: aqui se encontram a narrativa ensaística e a criação visual, ambas amalgamadas pelo comprometimento artístico quase programático. O volume e todos os estratos que um livro pode ter se concluem num projeto integral. Mas sem excessos. Ao contrário, o trabalho é discreto e suave, interessado numa obra de arte que seja cotidiana como o café da manhã.

Se é verdade que são infinitas as possibilidades de mútua fecundação entre as artes visuais e a vida, tem-se, aqui, uma das mais acessíveis e aprazíveis, o livro. Ainda que seja pequeno, portátil, exato, *O + é deserto* está inseminado de seu cenário, de sua circunstância. Lê-se (ou olha-se) como a qualquer outro livro de nossas estantes. Mas, sobretudo, percebe-se. O título deve ser lido “o mais é deserto”, porém há que se perceber o sinal de adição, o caractere especial que irrompe a frase. Quase como uma das flores do deserto de Atacama, que brotam a cada período de cinco a dez anos. O deserto florido é como um aviso de reação e resistência ao embrutecimento.

O eixo conceitual da obra segue a opinião de Allan Kaprow, para quem “o contexto social e o entorno da arte são mais eficazes, mais significativos e pedem mais atenção por parte do artista que a arte ela mesma” (citado na página 74). Ao conceber o livro não apenas como veículo para textos, mas como obra íntegra, Fervenza se apropria dele, o personaliza e distende um espaço de interseção com o mercado cultural, exponenciando seu pensamento artístico. A diferença é muito sutil: o artista não apenas *atua* como predicado do mercado, mas também *age* como sujeito motor. A recusa à alienação pode ser uma arma contra a adversidade.

Como mais um dos Documentos Areal, patrocinado pelo Programa Petrobrás Artes Visuais, *O + é deserto* agrega um comprometimento estético ainda maior à série na qual ele é o terceiro volume. Os livros do Projeto Areal, desprovidos de enfeites, sem falsa eloquência gráfica, acabaram por ser, com suavidade, uma agradável lufada de ar puro na arte brasileira. A aridez pode ser adversa, mas embora hostilize o pensamento, não o freará, não o inviabilizará. Existem momentos, lugares, idéias

que perseveram. Ainda que as miragens também induzam ao prazer, nem tudo será ilusão. Os oásis culturais que alentam nosso ânimo prosseguirão produzindo frutos férteis, como a arte que se publica.



PAULO SILVEIRA é autor do livro “A página Violada”, doutorando em História, Teoria e Crítica, pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais — IA/UFRGS.